

SÍLVIA CONTALDO: MAMA MIA E MAMA NOSTRA*

CONTALDO, Sílvia. **Mama mia**. Belo Horizonte: Fique firme, 2022.

CONTALDO, Sílvia. **Mama nostra**. Belo Horizonte: Fique firme, 2024.

Rafael Leopoldo**

Eu tive um contato próximo com Sílvia Contaldo. Na PUC Minas, no início da graduação, Sílvia foi a minha professora na disciplina de Filosofia Medieval. Mais adiante, participei com ela de programas de pesquisa e iniciação à docência.

Eu me lembro das suas aulas sobre Pierre Hadot. Esse filósofo helenista realizou uma torção fundamental na história da filosofia. Hadot compreendeu que, em sua maioria, os modernos e os contemporâneos produziam uma filosofia sistemática e criticavam os textos antigos como se neles houvesse uma falta de coerência nas suas formulações.

Ora, de acordo com Hadot, a filosofia havia mudado. Para os modernos, tratava-se de criar, de fato, sistemas filosóficos. Para os antigos, a questão eram os exercícios espirituais, isto é, a produção de uma forma de vida. Para Foucault, trata-se de uma estética da existência, a fabricação de uma vida bela.

Lembro agora de Sílvia Contaldo e de Pierre Hadot, justamente porque a filosofia não precisa ser apenas a produção de um sistema filosófico. Pelo contrário, ela pode ser exercício de inventar-se como uma armadura filosófica para suportar a vida. Ela pode ser o exercício de construir-se como um farol para suportar as tempestades da vida.

De todo modo, nos livros mais recentes de Sílvia, *Mama mia* (2022) e *Mama nostra* (2024), emerge não só uma relação filosófica com o câncer e a mastectomia, mas, sobretudo – e isso é importante para a psicanálise – a escrita como uma narrativa de si, com uma ancoragem no Simbólico.

Se no livro *Mama mia* o relato é concernente somente a Sílvia, no livro *Mama nostra* o relato se mescla a fala de tantas outras pessoas, desde uma mulher no sistema prisional a uma professora que escreve sobre a glamourização do câncer. O relato pessoal de Sílvia tem a força e a terapêutica de se fazer laço social, constituir-se como uma suplência simbólica.

* Resenha recebida em 06/07/2025 e aprovado para publicação em 10/10/2025.

** Rafael Leopoldo é psicanalista e filósofo. Graduado na PUC Minas. Mestre em Psicologia na UFJF. Doutor em Filosofia pela UFOP. Autor do livro: *Cartografia do pensamento queer*, pela editora Devires (2020).

CÂNCER: A PALAVRA NÃO DITA E O BEM DIZER

Sílvia Contaldo começa o livro *Mama mia* com a palavra “câncer” escrita em letras garrafais. A palavra é o título do primeiro capítulo. Não obstante, a cena inicial do livro é uma lembrança da infância, que se inicia com a seguinte frase: “A primeira vez que não ouvi a palavra câncer foi na casa da minha avó Helena”. A primeira frase do livro fala da ausência da palavra não escutada, não dita e não narrada; o título, por outro lado, expõe a palavra em letras garrafais – então, a experiência nomeada, narrada e simbolizada.

Sabemos que a palavra não dita é a palavra não elaborada. Mas, como todo não dito, a exemplo da teoria freudiana da defesa ou do recalque, tem-se a produção dos seus efeitos.

Naquele dia, não foi permitida a correria habitual e estava tudo mais silencioso. Mas a palavra câncer pairava no ar. Invadia o ambiente descolorindo a copa. A mesa era azul, coberta com uma linda toalha aflanelada e com estampa de frutas. No entanto, tudo parecia cinza. Àquela tarde sombria, sucederam-se meses de um entra e sai de médicos, murmurários e ordens e gestos de silêncio. “Sua vó está doente”, diziam. Por muitos e muitos anos, para mim era “aquela doença”. Muitas décadas depois, aí sim, eu ouviria pela primeira vez a palavra câncer. Dessa vez, porém, era eu quem tinha adoecido. E não havia mais como correr da palavra não dita (Contaldo, 2022, p. 12-13).

No caso de Sílvia, a cena de infância ocorre na casa da avó. O câncer estava lá, mas não houve a criação de um sentido. Logo, quando não se narra, a palavra não ganha uma borda. Ela se transforma numa substância cinza percorrendo toda a casa. Sílvia teve que se haver tanto com essa substância cinza quanto com o não dito que apareceu no seu próprio corpo. Os dois livros são a elaboração dessa vivência.

A respeito do diagnóstico, Sílvia narra como começou a faltar chão sob os seus pés. Mas, também, de como o diagnóstico precoce é importante, de como a palavra pode ser bendita. Diante do diagnóstico de câncer de mama, abre-se a compreensão de uma série de percepções sociais a respeito do câncer e da mastectomia: 1) privilegiam-se mais as partes – os seios e a bunda – do que o todo; 2) o desconforto dos procedimentos médicos, “nossas mamas serão achatadas como hambúrguer na chapa?”; 3) a construção do gênero ao redor dos seios, como se a mulher fosse o seio; 4) a percepção social do seio como *lócus* da maternidade ou da sensualidade feminina. Logo, não se trata somente de um procedimento médico que já carrega os seus riscos, mas de refazer a consistência imaginária e simbólica do corpo diante da mastectomia e suas implicações sociais.

O que me chama a atenção nos livros de Sílvia é exatamente esse abalo do corpo e sua reconstrução. A palavra mastectomia é constituída pela palavra “mastós” (*μαστός*), que significa “mama” ou “seio”, e a palavra “ektomé” (*ἐκτομή*), que significa “corte”. É diante do real do corte que Sílvia afirma: “quando a mama é surpreendida pela palavra mastectomia, ainda assim a escrita continua. Inventamos novas palavras e, para elas, encontramos novos cantinhos no corpo” (Contaldo, 2022, p. 24).

Enfatizo três pontos dessa nova escrita, não somente do próprio corpo, mas de como a vivência da mastectomia foi elaborada juntamente com a produção dos laços sociais. Os três pontos se constituem (1) da formação filosófica, (2) das amizades e (3) das histórias em comum, outras pessoas mastectomizadas. Este último ponto está especialmente no livro *Mama nostra*, no qual Sílvia diz propor uma “prosa ampliada” entre as mulheres com câncer de mama.

Para Sílvia, próxima de Pierre Hadot, a filosofia é aplicada ao cotidiano. Ela não é somente sistemas metafísicos, mas, sobretudo, uma substância *philoterápica*. Nesse sentido, Sílvia pode afirmar:

Face aos infortúnios, dissabores, tristezas, perdas, doenças – um câncer, por exemplo – Boécio nos ensina: “Crer em Fortunas efêmeras é crer em alegrias fugazes. Um decreto eterno foi estabelecido: nada do que o dia vê é definitivo”. De fato, a Filosofia, há muito, tem sido meu auxílio e minha consolação: “[...] formas dignas de consolação acabam por tornar-se medicamentos e tudo quanto nos fortalece a alma transforma-se em benefício para o corpo. Os meus estudos restituíram-me a saúde. É à Filosofia que devo a minha convalescença, a minha recuperação”, prescreveu Sêneca, o estoico. E tenho seguido à risca (Contaldo, 2022, p. 41).

Os dois livros de Sílvia têm a filosofia vivenciada à moda antiga, porque ela parece ter consigo, à mão, a sua “paraskeué” (*παρασκευῆ*), “instrumento”, “armadura”. Para os filósofos antigos era necessário ter esse equipamento, sempre forjá-lo como numa ascese. É claro que aqui estamos pensando em instrumentos e armaduras filosóficas, o que a Sílvia utiliza contra as intempéries.

Sobre as amizades, Sílvia faz um elogio ao modo de vida de Epicuro, o filósofo grego fez da amizade um modo de vida. O tópico “Amizade, na saúde e na doença” é dedicado a uma amiga, Solange, e enfatiza que “os amigos, que são amigos na saúde e na doença, talvez não saibam o quanto a sua *philia* é *phármakon* poderoso e curativo” (Contaldo, 2022, p. 41).

Por último, no livro *Mama nostra*, a vivência do câncer de mama e da mastectomia faz um último laço. Um laço que não é mais uma elaboração pessoal, ou ainda, algo familiar ou

amical, tem-se uma relação com pessoas inicialmente desconhecidas e um clamor por políticas públicas.

REFERÊNCIAS

- CONTALDO, Sílvia. **Mama mia**. Belo Horizonte: Fique firme, 2022.
- CONTALDO, Sílvia. **Mama nostra**. Belo Horizonte: Fique firme, 2024.